



BREVE ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO MÉDICA DE HERÁCLIDES ARAÚJO E RUI MIRANDA: O COMBATE À LEPROA NO PARANÁ E NA CIDADE DE CURITIBA (1930-1970)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3414

Thaysa Lauara Loiola Stabelini, UEL

Resumo

Partindo da questão médica e principalmente social acerca da lepra no período entre 1930 e 1970 no estado do Paraná e na cidade de Curitiba, a presente pesquisa objetiva estudar as Políticas Públicas em relação à doença e analisar a construção, prática e influência do discurso relacionado à mesma e aos corpos doentes através da atuação dos médicos Heráclides César de Souza Araújo e Rui Noronha Miranda. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa qualitativa, levantamento de fontes primárias escritas (voluntárias e não voluntárias como relatórios médicos, publicações e documentos oficiais). Foi realizada, também, uma visita técnica ao Hospital de Dermatologia Sanitária do Paraná. Como fundamentação teórica foram utilizados autores da área de História, Medicina e Ciências Sociais como Cabral, Castro, Corbain, Cunha, entre outros. Os resultados obtidos demonstram que a doença não esteve entre as prioridades estabelecidas pelo governo federal até a primeira década do século XX, quando se converteu em um problema sanitário de maior relevância. Assim, poder público (aqui entendido nas esferas de governo federal e estadual) e médicos como Heráclides Araújo e Rui Noronha Miranda buscaram, num primeiro momento, a construção de um discurso coerente à necessidade de isolar os doentes, sendo este isolamento realizado nos chamados Leprosários (destacando-se na presente pesquisa o "Leprosário São Roque") e investiram em campanhas de cunho médico e científico. Com o passar dos anos e das novas descobertas científicas esta prática se alterou progressivamente para o tratamento (hospitalar e domiciliar) e busca de reinserção destes doentes na sociedade

Palavras Chave:

Lepra; Paraná; Curitiba; Rui Miranda; Heráclides Araújo.

Introdução

A diferença pode ser percebida como afronte. A existência de outsiders que não partilhem o reservatório de normas (ou lembranças) estabelecidas é percebida como um ataque aos “nós”. O estranhamento desses outros se apresenta como uma leitura de sinais que imputem aos seus portadores uma classificação identitária deteriorada em relação aos nós, não portadores desses sinais. Tal processo não se forma somente em relação a nacionalidades ou etnias ou “raças”, também a doença pode ser um símbolo para a estigmatização. (OLINTO, 2007, p.34)

A citação acima, de Beatriz Anselmo Olinto, pode ser melhor compreendida quando se leva em conta os estudos¹ de Norbert Elias, especificamente as obras “O Processo Civilizador” e “Os Estabelecidos e os Outsiders”. Segundo Elias:

Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquece-lo e desarmá-lo. (ELIAS, 2000, p.24)

Analisar as doenças do ponto de vista político e social em que as mesmas acometem uma região, época ou povo vai de encontro ao que Pierre Rosanvallon chama de “*Político*”. De acordo com o autor:

Ao falar substantivamente do *político* qualifico desse modo, tanto uma modalidade de existência da vida comum, quanto uma forma de ação coletiva que se distingue implicitamente do exercício da *política*. Referir-se ao político e não à política, é falar do poder da lei, do Estado e da Nação, da igualdade e da justiça, da identidade e da diferença, da cidadania e da civilidade; em suma, de tudo aquilo que constitui a polis para além do campo imediato da competição partidária pelo exercício do poder, da ação governamental cotidiana e da vida ordinária das instituições. (ROSANVALLON, 2010, p.102)

Partindo desta perspectiva, o presente estudo visa analisar e relacionar três importantes questões no que tange à compreensão da chamada História Sociocultural das doenças, especificamente da lepra, a partir das transições políticas e ideológicas advindas do processo que levou à proclamação da República no Brasil: Políticas Públicas, Medicina e Controle Social.

Em 1889 iniciou-se um movimento ideológico que levou ao estabelecimento de uma nova forma de organização político-jurídica no país, bem como a busca de sua inserção nos moldes de um Estado capitalista. Neste momento a sociedade brasileira passava por profundas mudanças. A busca pelo progresso de acordo com os ideais positivistas² trazia consigo a noção de modernização e higienização da nação, pois neste momento era importante para o país que sua imagem fosse destacada positivamente uma vez que era grande o número de doenças consideradas

1 Para melhor compreensão das questões políticas e psicossociais dos estigmas e relações de poder que o envolvem, ver: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L.; RIBEIRO, Vera (Trad) *Os Estabelecidos e os Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000, p.24

2 “Essa influência, até agora inexplorada quanto a suas possíveis implicações para a propagação do movimento de saúde pública, poderia ter representado um verdadeiro aguilhão na formação das ideias republicanas com respeito à intervenção estatal no campo da saúde”. (CASTRO, 1980. p. 248)

"tropicais"³ que acometiam, além da própria nação, os estrangeiros que aqui chegavam.

Na busca pela modernização, progresso e civilidade as doenças tropicais eram vistas como um entrave e dentre estas, a lepra⁴ (destacada na presente pesquisa) era uma das que mais assustavam a população "sadia" e as autoridades médicas e políticas além de gerar prejuízos econômicos, exemplo disso era que os navios estrangeiros se recusavam a atracar nos portos brasileiros, o que também reduzia a imigração de mão de obra num período em que era essencial a presença de imigrantes para o país, principalmente para substituir a mão de obra escrava que fora abolida e não deixar desestabilizada a produção agrícola. No início do século XX, cidades como o Rio de Janeiro apresentavam um quadro sanitário muito complicado, levando a sérias consequências para a saúde coletiva e para outros setores, como o comércio exterior. Tomando como exemplo dessas endemias⁵ a lepra, o Serviço Nacional de

Lepra do Governo Federal afirma que:

Por muitos anos os poderes públicos da União, Estados e Distrito Federal, não tomavam conhecimento do progresso da endemia no Brasil. A assistência ao doente de lepra estava a cargo da caridade pública. A única medida posta em prática era o asilamento dos doentes, sendo a sua manutenção feita por instituições particulares. (SERVIÇO NACIONAL DE LEPRA, 1950, p.16)

A intervenção estatal no controle das doenças iniciou-se no começo do século XX através das descobertas no campo científico, como o avanço da bacteriologia, ocorrendo intervenções por meio de campanhas que visavam o controle de enfermidades e dentre estas a lepra, doença mítica e milenar, tornou-se um dos alvos das ações estatais. Tal doença aparece nos registros documentais muitas vezes apenas como uma das doenças que desapareceram misteriosamente da Europa entre os séculos XIV e XVI e não tem consequências apenas patológicas. Durante muito tempo e até mesmo nos dias atuais, a lepra é causa de estigmas⁶ e fortes preconceitos e o corpo do doente ainda visto, muitas vezes, como algo monstruoso, anormal e amedrontador diante da sociedade "sadia". O Estado do Paraná, recém emancipado da Comarca de São Paulo, e berço de um dos principais médicos atuantes na campanha contra a lepra no Brasil (Dr. Heráclides César de Souza

3 "A doença estava confinada aos países tropicais e subtropicais onde se vivia em condições sociais e sanitárias atrasadas - que favoreceriam a propagação da doença - e o que seria uma consequência indireta do clima tropical."

SOUZA, Leticia Pumar Alves de. *Um problema dos trópicos: a lepra e sua possível terapêutica na primeira metade do século XX*. XXI Encontro de História ANPUH. Rio de Janeiro. 2008.

Disponível em:

<http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212962139_ARQUIVO_Textoanpuh-rio-2008.pdf> Acesso em 07. jun.2014

4 Esta doença é conhecida no Brasil como "hanseníase" desde 29 de março de 1995, com a Lei no. 9.010. No entanto, utiliza-se aqui a terminologia "lepra" por se tratar do termo usado para designar a doença no período referente à pesquisa.

5 "sf. Med. Doença que existe constantemente em um determinado lugar." FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 5ª ed. RJ: Nova Fronteira, 2001, p. 286. Assim como as endemias, cabe destacar os conceitos de Epidemia: "sf. Med.1. Ocorrência súbita, e em

número elevado de pessoas, de doença, esp. infecciosa. 2. Aparecimento indeterminado de doença infecciosa contagiosa, a qual rapidamente se difunde" Ibidem, p. 298 e de Pandemia: s.f. Med. Epidemia que ocorre em grandes proporções em região, país ou continente, ou, até mesmo por todo planeta." Ibidem, p. 546

6 Teria o sentido de desvio social, algo ou alguém que se encontra fora das normas, inabilitado, diferente das pessoas consideradas normais. Devido a um sinal/marca que carrega. (SCHNEIDER, 2011, p. 40)

Araújo) esteve, assim, dentre os diversos estados brasileiros acometidos pela doença e a cidade de Curitiba, que enfrentava dificuldades ainda em seus primeiros passos de metrópole, foi um dos locais em que se estabeleceu um dos principais postos de profilaxia e atendimento aos doentes.

Partindo da questão médica e principalmente social acerca da lepra no período entre 1930 e 1970 no estado do Paraná, o presente artigo tem por objetivos: estudar as Políticas Públicas em relação à doença e analisar a construção, prática e influência do discurso relacionado à mesma e aos corpos doentes através da atuação dos médicos Heráclides César de Souza Araújo e Rui Noronha Miranda.

Em relação à metodologia, priorizou-se a pesquisa qualitativa, realizada através do levantamento de fontes primárias como Manuais/Tratados de Leprologia elaborados pelo Ministério da Saúde (Serviço Nacional de Lepra) correspondentes ao período em questão; a obra de Heráclides César de Souza Araújo “História da Lepra no Brasil” e relatórios médicos como “Considerações sobre a Lepra na cidade de Curitiba.”, de Rui Miranda. Para a fundamentação teórica foram utilizadas bibliografias específicas da área de História, Medicina e Ciências Sociais como as obras de Castro, Cabral, Elias, Miranda, Schneider, Souza, Rosanvallon,

Considerando que as doenças não têm apenas consequências patológicas, mas também culturais e sociais, é possível refletir sobre o fato de que os indivíduos são considerados doentes de acordo com o período e sociedade em que vivem. Para a compreensão destes diferentes contextos e dos discursos sobre as doenças e os corpos doentes a pesquisa será desenvolvida a partir da perspectiva da História Social e da área de Sentimentos na Política, tendo em vista que há algumas décadas a História, como

investigação, tem-se ocupado das motivações individuais e coletivas que movem os sujeitos dentro da sociedade. Durante séculos fez-se História tendo como foco principal a narrativa dos fatos; ao longo do século XX começa a mudar esta perspectiva e os historiadores percebem a necessidade de construir um arcabouço teórico para a disciplina. Por isso, várias abordagens foram pensadas pela História para estudar os mais diversos objetos. No Brasil, a partir da Primeira República inicia-se um processo que levou o médico a sair somente da esfera do atendimento particular e domiciliar para participar da elaboração das políticas públicas implantadas pelo Estado, na qualidade de cientista e pesquisador. A doença e os corpos doentes, prioritariamente dos pobres e miseráveis, são expostos em congressos e passam a fazer parte das teorias e teses sobre as doenças e sua proliferação. Muitas vezes esta exposição e as pesquisas médicas vêm associadas à questão racial, uma vez que neste período o Brasil tem uma grande preocupação em entender a mestiçagem espalhada no país e como a raça e a pobreza podem influenciar o comportamento social, inclusive, no que tange raça versus doenças. Em diversos momentos o discurso médico-eugenista vem reforçar este binômio: as classes pobres são fonte de contágio, fonte de degenerescência racial e fonte de degradação moral.

A escolha em especificar o recorte espacial no estado do Paraná é devido ao destaque que o mesmo teve entre os estados alvo das primeiras ações relacionadas à lepra e ser de grande pluralidade cultural, devido ao contingente da imigração que aqui ocorreu no período da pesquisa. Cabe ainda destacar que neste estado nasceu um dos principais médicos e pesquisadores do período republicano: Heráclides Araújo, referência no estudo da lepra e das políticas públicas relacionadas à mesma no Brasil. Além disso o estado foi local de intensa atuação

de Ruy Miranda, outro importante médico que dedicou sua vida ao estudo da doença. A escolha de uma região do país está, também, ligada à Geografia Médica⁷ importante meio utilizado na pesquisa e uma forma de ligação entre as ciências biológicas e humanas

A saúde pública no Paraná a partir de 1930

De acordo com dados destacados por Heráclides Araújo, percebe-se que os já citados “higienismo” e “branqueamento” da nação, advindos das ideias positivistas, mostram-se ainda mais enraizados no pensamento médico. No momento das principais ações de Araújo no Paraná, a presença de imigrantes europeus era numerosa em vários municípios e a abordagem do povo dos sertões e regiões do interior muitas vezes era envolta de “medos” destes médicos. Embora houvesse a culpabilização do “estrangeiro”, daquele que veio de fora do país, afirmando um discurso nacionalista, como visto em outros relatórios do mesmo médico, a questão de enxergar na Europa e nos europeus a idealização de conduta e “civilidade” também é muito presente neste momento.

O Leprosário São Roque

A princípio cogitou-se a construção de uma Lazarópolis na cidade de Guarapuava (onde havia o maior registro de casos da doença) porém, por se tratar de um local onde não seria possível isolar totalmente aquelas pessoas, a ideia foi descartada. É ainda mais incutida a ideia de isolar os doentes

e, dentro disto, discute-se sobre a ideal estrutura dos locais para a construção de tais ambientes, que seriam de duas formas: leprosários marítimos, construídos em ilhas inabitadas e distantes da população “sadia”, com espaço amplo, porém de difícil acessibilidade para fugas dos doentes, leprosários terrestres, locais próximos aos lugares mais endêmicos, porém também distantes do restante da população e que ficassem próximos a rios. Estes últimos leprosários acomodariam os doentes caso o número nos leprosários marítimos fosse excedido.⁸ (SCHENEIDER, 2011, p.65). O processo de construção do Hospital foi iniciado em 1922, quando o governo estadual comprou um terreno no município de Deodoro, atual Piraquara, há 25km de Curitiba. Sua inauguração, em 1926, foi amplamente divulgada no estado, principalmente pelos grandes jornais da época. O primeiro diretor do local foi Sebastião A. Azevedo, substituído por Luiz Osmundo Medeiros. Atualmente a diretora do local é Mara Lúcia Gomes Dissenha.

De acordo com as determinações feitas pela Comissão de Profilaxia Rural e orientações de Heráclides Araújo e demais médicos, o Leprosário São Roque deveria, além de manter isolados os doentes da sociedade sadia, promover uma vida melhor para estas pessoas. Como afirma Cabral:

A sociedade, alertada pela medicina e em nome da saúde pública, decretou o exílio destas pessoas, mas tinha a consciência de que era uma atitude cruel. Colocada a necessidade de isolamento dessa forma, tornou-se imperioso aliar a caridade a esta iniciativa. Os asilos-

7 Ao recorrer à geografia o discurso médico estaria se apropriando dos dois procedimentos de verdade que ali se encontram. A saber, o inquérito seria o procedimento de verdade das ciências naturais; o exame, o procedimento de vigilância das ciências humanas. Pode-se então perceber, de que maneira a medicina ancora a sua cientificidade duplamente, nas ciências naturais e nas ciências humanas. (OLINTO, 2007, p. 235)

8 SCHENEIDER, Danielle Silvia. *Leprosaria: Fotografia e discurso na obra de Souza Araújo (1916-1959)*. 232 páginas. Dissertação (Pós-Graduação em História). UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2011. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=766>. Acesso em: 07. jun. 2014, p. 65

colônias deveriam suprir todas as necessidades básicas dos leprosos (moradia, alimentação, cuidados médico, etc.), além de oferecer instalações modernas e confortáveis, trabalho, lazer e apoio religioso.⁹

Dentro do leprosário os doentes contavam também com aulas de canto e teatro, cinema e futebol (inclusive campeonatos internos), estas atividades recreativas ficavam sob responsabilidade das Irmãs. Havia também a chamada Caixa Beneficente, dirigida pelos próprios doentes, que supervisionava as atividades comerciais internas, os esportes e as recreações. Com o advento das sulfonas na década de 1940 muitas coisas mudaram na vida dos doentes, as melhoras clínicas levaram à diminuição das fugas bem como das prisões realizadas em decorrência das mesmas. O número de altas hospitalares também aumentou consideravelmente, variando de 34, no ano de 1926 para 291 no ano de 1954. (NACLI, 1959, p.54). A vida dos doentes tomava as proporções “quase” iguais às das pessoas que não possuíam a doença. Dentro do leprosário era permitido o casamento entre internos: “Gravidez e partos não eram raros. (CASTRO, 2005, p.105) Os Recém-natos – sempre isentos da hanseníase- eram imediatamente transferidos para o “Educandário Curitiba.” (MIRANDA, 2011, p. 71238). Com o processo desencadeado pelas tentativas de se amenizar o estigma que os doentes carregavam, houve não só a mudança da nomenclatura “Lepra” para “Hanseníase”, mas também a mudança do nome do local. De “Leprosário São Roque”, em finais da década de 1920, para “Sanatório Colônia São Roque”, na

década de 1950 e, enfim, “Hospital de Dermatologia Sanitária do Paraná”, na década de 1980. Esta última nomenclatura permanece até os dias atuais, bem como o funcionamento do local para fins de tratamentos dermatológicos de diversos tipos de doença no estado.

A atuação de Ruy Noronha Miranda

Figura importante que se destacou na direção do mesmo foi a do médico Ruy Noronha de Miranda, que trabalhou durante 5 anos no local e foi um dos médicos mais empenhados na pesquisa, divulgação de informações e tratamento dos doentes até o ano de 2010, quando veio a falecer. Pesquisar a História da Lepra no Paraná e não encontrar o nome de Ruy Noronha Miranda é algo muito raro. Sua atuação foi de fundamental importância e os resultados desta são, até hoje, percebidos até mesmo em conversas com pessoas que o conheceram. Nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em julho de 1914, graduou-se em Medicina pela Universidade Federal do Paraná em 1938 e em 1943 recebeu o título de livre docente em Doenças Tropicais na mesma Universidade. Suas contribuições foram além da Medicina. Suas ações humanas e seu amor pela profissão o fizeram verdadeiro símbolo da luta contra a hanseníase. Segundo a Fundação Pró – Hansen:

Foi um dos fundadores do Conselho Regional de Medicina, além de integrar o primeiro grupo de conselheiros da entidade médica. Também foi um dos primeiros médicos a receber o Diploma de Mérito Ético - Profissional do CRM/PR. Ocupou vários cargos administrativos, entre os quais o de diretor da Divisão de Lepra do Estado do Paraná e do Hospital Colônia São Roque. Exerceu a presidência da Sociedade Brasileira de Dermatologia e a vice-

⁹ CASTRO, Elizabeth Amorim de. *O leprosário São Roque e a Modernidade: Uma abordagem da Hanseníase na perspectiva da relação Espaço-Tempo*. 135 páginas. 2005. Dissertação (Geografia) – Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005, p.105

presidência da Associação Médica Brasileira, fundou a Regional da Sociedade Paranaense de Dermatologia. Fundador da cadeira e primeiro professor de Dermatologia da Faculdade de Ciências do Paraná. Transformou-se em verdadeiro cientista pelo empenho demonstrado na pesquisa do mal de Hansen. Legou à medicina 19 novas e originais contribuições nesse campo. (FUNDAÇÃO PRÓ HANSEN. Professor Ruy Miranda.)

Dentre as diversas publicações de Ruy Miranda, destacar-se-á na presente pesquisa o relatório “Considerações sobre a Lepra em Curitiba” e importante fonte para compreensão do contexto histórico em questão e também do discurso médico e da dimensão que se tinha da doença no período posterior à atuação de Heráclides Araújo, bem como das diferenças entre os discursos deste e de Ruy Miranda. O relatório traz, além de apontamentos clínicos sobre os conhecimentos e descobertas sobre a doença até 1942, a descrição da situação em que se encontrava Curitiba neste período em relação à lepra. Ruy Miranda traz apontamentos e dados que mostram, em particular, a análise feita sobre oito pessoas acometidas pela doença antes de serem internadas no Leprosário São Roque. O relatório apresenta inicialmente a questão de ser Curitiba um “grande fornecedor de doentes”, citando o Censo realizado pelo Dr^o Aureliano Mattos de Moura em 1934. Embora houvesse um número elevado de casos da doença em Curitiba, havia também um grande número de médicos que atenderiam a estas pessoas, desta forma, Ruy Miranda discorre sobre a importância de se erradicar o foco da lepra na cidade e chama a atenção para o fato de que muitos doentes que nela se encontravam não eram habitantes da mesma, mas pessoas que chegavam em busca de ajuda e atendimento médico, porém. Dentro desta perspectiva, de analisar a

procedência e dados dos doentes, Ruy Miranda e sua equipe se dirigiram ao Dispensário de Doenças de Pele, local onde ficavam alguns doentes antes de serem enviados ao Leprosário São Roque.

No decorrer do relatório, Ruy Miranda fala sobre como seria importante internar rapidamente estes doentes no Leprosário São Roque, pois se tratavam de casos com alto risco de contágio e em breve muitos novos casos poderiam surgir. Aborda também a questão do medo que estes doentes demonstravam ao negar o contato com outros doentes e assim, como era importante analisar e considerar esta atitude como algo que refletia o sofrimento daquelas pessoas. Os trabalhos de outros pesquisadores também são abordados em sua análise, além disso, aponta para a intensificação da campanha antileprótica na cidade, uma vez que o uso do óleo da chaulmoogra¹⁰ não surtia os efeitos esperados de cura e ainda se reforçava a ideia do internamento compulsório dos doentes. Cerca de 32 anos depois da divulgação deste relatório, já na década de 1970, quando o internamento compulsório deixou de ser válido em território nacional e as políticas públicas apontavam para a educação sanitária, novas formas de tratamento para quem era acometido pela lepra estavam surtindo efeitos. A voz de médicos e pesquisadores brasileiros também começara a se projetar com mais destaque em reuniões e congressos internacionais e, em um destes eventos, Ruy Miranda, juntamente a Candido

10 “As chaulmoogras são vistas como um grupo botânico que tem como principais características o fato de todas as espécies habitarem as regiões tropicais e a existência de determinados ácidos em seus óleos que teriam efeito terapêutico na lepra”. SOUZA, Leticia Pumar Alves de. Um problema dos trópicos: a lepra e sua possível terapêutica na primeira metade do século XX. XXI Encontro de História ANPUH. Rio de Janeiro. 2008.

Disponível em: <http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212962139_ARQUIVO_Textoa_npuh-rio-2008.pdf> Acesso em 07. jun.2014

Silva, Lygia M. C. De Andrade e Nilson Silva, apresentou na Argentina um relatório sobre seus trabalhos relacionados à lepra e depois disso discursou expressando sua visão e também orientando o Serviço de Leprologia deste país. Os registros deste evento estão no relatório “Uma Viagem Científica no Brasil e na Argentina” Dentre as questões levantadas neste relatório, em agosto de 1974, cabe destacar os quatros últimos tópicos, os quais se referem a questões voltadas principalmente à pesquisa e novas metodologias em relação não só ao desenvolvimento científico, mas também aos corpos doentes. De acordo com Miranda:

(...) 11 – Deve ser incentivada a formação e desenvolvimento de Centros de Estudos e Pesquisa Leprológica e seu entrosamento com Centros de Pesquisa Bio-Médica correlata. Este intercâmbio deve constituir-se num instrumento de padronização da metodologia aplicada às pesquisas, com objetivo de atingir resultados consistentes e comparáveis; 12 – Devem ser desenvolvidos projetos de pesquisa que visem a obtenção de métodos capazes de evidenciar a lepra infeccção ou a doença em sua fase mais precoce possível. (MIRANDA, 1974, p.18)

Diante de todos os trabalhos elaborados e sua intensa atuação, Ruy Miranda também discursou sobre sua experiência em uma reunião internacional de leprologos na Argentina, um mês após apresentar o relatório anterior, em setembro de 1974. Iniciando seu discurso, coloca Miranda:

É uma grande consideração para com o Brasil solicitarem a minha palavra nesta oportunidade pois, tendo-se escutado, até agora, a voz de cada um dos representantes estrangeiros, em seu respectivo idioma, eu sou o terceiro brasileiro a falar-vos como orador visitante.

(MIRANDA, 1974,p.118)

Em seguida, homenageia os fundadores da Sociedade Argentina de Leprologia e discorre sobre as atividades da mesma, de sua fundação até o ano em que ocorrera a reunião. Outro ponto importante a ser destacado logo ao final do discurso de Ruy Miranda é o reforço que este dá à missão dos médicos e cientistas

ali presentes. De acordo com Miranda:

(..) Assim sois vós também – os componentes da Sociedade Argentina de Leprologia, por sua Diretoria e seus associados. Justificando muito bem na sigla da sua agremiação, vós sois o sal da ciência, o sal da amizade, o sal da cultura e do progresso. Vós estais – à semelhança dos pregadores do Evangelho – propagando a doutrina do saber e da verdade, em obediência ao que desejarem os inesquecíveis fundadores desta Sociedade.(MIRANDA, 1974, p.118.)

Cerca de 16 anos depois de participar desta conferência, Ruy Miranda criava, em 18 de julho de 1990, em Curitiba, a Fundação Pró – Hansen.

Considerações finais

Os resultados obtidos demonstram que a doença não esteve entre as prioridades estabelecidas pelo governo federal até a primeira década do século XX, quando se converteu em um problema sanitário de maior relevância. Assim, poder público (aqui entendido nas esferas de governo federal e estadual) e médicos como Heráclides Araújo e Ruy Noronha Miranda buscaram, num primeiro momento, a construção de um discurso coerente à necessidade de isolar os doentes, sendo este isolamento realizado nos chamados Leprosários (destacando-se na presente pesquisa o "Leprosário São Roque") e investiram em

campanhas de cunho médico e científico. Com o passar dos anos e das novas descobertas científicas esta prática se alterou progressivamente para o tratamento (hospitalar e domiciliar) e busca de reinserção destes doentes na sociedade. Caracterizados por suas intensas atuações em relação à doença no Paraná, Heráclides Araújo e Ruy Miranda trazem aspectos semelhantes no que diz respeito ao engajamento nesta luta, no entanto, considerando a mentalidade desenvolvida em cada contexto (da formação à atuação dos mesmos), percebe-se que as ações de Ruy Miranda foram caracterizadas por um pensamento com maior ênfase, além da cura e tratamento, no bem-estar do doente como indivíduo, contribuindo para repensar-se a situação dos mesmos, bem como os preconceitos e lutas sociais que os mesmos enfrentam.

Referências

- ARAÚJO, Heráclides César Souza de. *História da Leprosia no Brasil: Período Republicano (1890 – 1952)*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual de leprologia*. Rio de Janeiro. Ministério da Saúde, 1960.
- CASTRO, Elizabeth Amorim de. *A arquitetura do isolamento em Curitiba na República Velha*. Curitiba: Maxigráfica e Editora LTDA, 2004, p.11
- _____. *O leprosário São Roque e a Modernidade: Uma abordagem da Hanseníase na perspectiva da relação Espaço-Tempo*. 2005. 135 páginas. (Geografia) – Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005
- CASTRO, Luiz A. *Estado e Saúde Pública no Brasil (1889-1930)*. Dados: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 23, n. 02, 1980. p. 248.
- CABRAL, Dilma F. A. *Entre ideias e ações: medicina, lepra e políticas públicas de saúde no Brasil (1894-1934)*. Tese de Doutorado(História). Rio de Janeiro, UFF, 2007. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese2007_COSTA_Dilma_Fatima_Avellar_Cabral_da-S.pdf> Acesso em: 06.jun.2014
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L.; RIBEIRO, Vera (Trad). *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000, p.24
- FUNDAÇÃO PRÓ HANSEN. *Professor Ruy Miranda*. Disponível em:<<http://www.prohansen.org/#!ruynoronhamiranda/c1i8x>> Acesso em: 10. fev. 2015
- MIRANDA, Ruy Noronha. *História do Leprosário São Roque*. In: WITTIG, Enrenfried Othmar. Contribuição à História da Medicina no Paraná. Curitiba: M.5 Gráficas e Editora Ltda, 2011. cap. 30, p.233-238.
- _____. *Considerações sobre a Leprosia na cidade de Curitiba*. Separata da Revista Médica do Paraná. Ano XI, Janeiro de 1943, nº1, 1943
- _____. *Uma viagem científica no Brasil e na Argentina*. Centro de Estudos Leprológicos Souza Araújo. UFPR. Curitiba, 1975
- MOURA, Aureliano Mattos de. *Lépra*. 1940. 150 páginas. Dissertação (Concurso de livre docência em Medicina) – Empresa Gráfica Paranaense, Curitiba, 2005.
- NACLI, Adibe. *O Mal de hansen e o serviço social*. Curitiba: Imprensa oficial do Estado, 1959.
- SERVIÇO NACIONAL DE LEPROLOGIA. *Tratado de leprologia*. 2ª edição. Rio de Janeiro, 1950.
- OLINTO, Beatriz Anselmo. *Pontes e Muralhas: diferença, lepra e tragédia no Paraná do início do século XX*. 295 páginas. Tese (Doutorado em História). Unicentro. Guarapuava. 2007
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. Trad. de Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010. 102p.
- SCHENEIDER, Danielle Silvia. *Lépra: Fotografia e discurso na obra de Souza Araújo (1916-1959)*. 232 páginas. Dissertação (Pós-Graduação em História). UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2011. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/tede//tede_busca/arquivo.php?codArquivo=766>. Acesso em: 07. jun. 2014, p. 40
- SOUZA, Leticia Pumar Alves de. *Um problema dos trópicos: a lepra e sua possível terapêutica na primeira metade do século XX*. XXI Encontro de História ANPUH Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212962139_ARQUIVO_Textoanpuh-rio-2008.pdf> Acesso em 07. jun.2014